

Espacialidade em Bakhtin e Pêcheux: semelhanças e dessemelhanças

Spatiality in Bakhtin and Pêcheux: Similarities and Differences

Renata Silva*
Universidade Católica de Pelotas

RESUMO: O presente trabalho visa a uma análise comparativa das noções de “esfera”, de Bakhtin (1992, 1999), e de “espaço discursivo”, de Pêcheux (1997), com o intuito de elucidar o tratamento conferido à espacialidade pelos mencionados autores. Mostra que, embora haja consideráveis pontos de contato, “esfera” e “espaço discursivo” divergem quando entrecruzados com outros conceitos, desenvolvidos no âmbito da Teoria Dialógica e da Análise do Discurso de linha francesa (AD).

PALAVRAS-CHAVE: “esfera”; “espaço discursivo”; espacialidade; semelhanças; dessemelhanças.

ABSTRACT: The present work aims at a comparative analysis of the “sphere” notions, Bakhtin (1992, 1999), and of the “discursive space”, Pêcheux (1997), with the intention of elucidating the treatment these authors give to spatiality. It shows that even though there might be considerable points of contact, “sphere” and “discursive space” diverge when intercrossed with other concepts developed in the ambit of the Dialogical Theory and of the French line of Speech Analysis (SA).

KEYWORDS: “sphere”; “discursive space”; specialty; resemblance; nonresemblance.

Introdução

Por meio do presente trabalho, objetivamos comparar o tratamento que a questão da espacialidade recebe em Bakhtin (1992, 1999) e Pêcheux (1997). Aquele autor trata do espaço, diretamente, quando postula as definições de “cronotopo” e “exotopia”, e, indiretamente, quando trata da noção de “esfera”, a qual interessa a esta reflexão, por apresentar semelhanças e dessemelhanças com a acepção de “espaço discursivo” pecheuxtiana.

* Aluna do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras – UCPel – Pelotas – RS – Brasil. Endereço eletrônico: resilv@gmail.com.

Os pontos de contato e de confronto são pertinentes de serem destacados tendo em vista que a temática do espaço não tem sido abordada na proporção de sua relevância. Fiorin (1996), ao abordar as três categorias da enunciação – a pessoa, o tempo e o espaço – nota que esta última tem recebido menos atenção. E exemplifica o exposto, comentando que Benveniste prolonga-se ao dissertar sobre a pessoa e o tempo, enquanto pouco trata do espaço (p. 257).

Para Fiorin, a categoria de espaço teria menos importância no processo de discursivização, quando comparada às demais, porque a pessoa e o tempo não podem deixar de ser utilizados na fala, por serem expressos por meio de morfemas sufixais que estão sempre presentes no verbo, enquanto o espaço, por ser expresso por meio de morfemas livres, pode não ser mencionado. Partindo dessas considerações, o autor observa:

[p]arece que a linguagem valoriza mais a localização temporal que a espacial, pois podemos falar sem dar nenhuma indicação espacial, quer em relação ao enunciador, quer em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado (p. 258).

Se lançarmos outro olhar sobre a relação espacialidade/linguagem, não centrado apenas na expressão linguística do espaço, mas focalizado na maneira como este, enquanto pertencente às circunstâncias de interlocução, intervém na materialidade do dizer, será indubitável a equipolência das categorias da enunciação.

Em Bakhtin, no âmbito da Teoria da Enunciação, e em Pêcheux, precursor da Análise do Discurso de linha francesa (AD), a questão da espacialidade, tratada por meio das “esferas” e dos “espaços discursivos”, respectivamente, é abordada sob essa necessária ótica, apesar de a discussão sobre o espaço na AD ainda permanecer obscura, devido à brevidade e não-desenvolvimento posterior das observações publicadas em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 1997).

Neste artigo, não apontaremos aspectos a serem rediscutidos teoricamente, nem trataremos exaustivamente da recorrente noção de “esfera” e nem da complexa concepção de “espaço discursivo”; retomaremos algumas das reflexões pecheuxtianas comparáveis às bakhtinianas, com o intuito de elucidar a problemática da espacialidade nos autores aludidos.

Sobre a perspectiva bakhtiniana do espaço

No texto *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1992), “esfera” é um termo que compreende diferentes contextos culturais onde ocorrem as várias

e múltiplas atividades e comunicações humanas. Todas as “esferas” assemelham-se por utilizarem a língua, percebida por Bakhtin como uma estrutura maleável, capaz de refletir as peculiaridades da “esfera” na qual é empregada.

A língua é um sistema que reflete e refrata a realidade porque é utilizada na forma de enunciados. Essas unidades da comunicação verbal orais e escritas, concretas e únicas representam as condições específicas e as finalidades de suas “esferas” através de três elementos indissociáveis: conteúdo (temático); estilo verbal (a seleção operada nos recursos da língua); e construção composicional (p. 279). Embora o enunciado considerado isoladamente seja individual, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados”, que são os gêneros do discurso (p. 279) [grifos do autor].

Levando em conta a diversidade dos gêneros discursivos, Bakhtin aborda ser relevante teoricamente diferenciar os gêneros primários (simples) dos secundários (complexos). A partir dessa distinção, uma análise não deve deixar de relevar a inter-relação entre esses dois tipos de gêneros e o processo histórico de formação dos gêneros secundários para abranger aspectos essenciais e a natureza dos enunciados (p. 281-2).

Os gêneros secundários, como o romance, o teatro, o discurso científico, etc., “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída”. Durante seu processo de formação, “absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (p. 281).

Os gêneros primários, como os tipos de diálogo oral (linguagem das reuniões sociais e familiares), etc., quando componentes dos secundários, transformam-se e deixam de ter uma relação direta com a realidade. É caso da carta, por exemplo, que ao ser inserida num romance, só se relaciona com a realidade através dessa obra, produto da esfera literária e não da cotidiana.

Dessa diferenciação de gêneros resulta uma diferenciação de “esferas”, as que se caracterizam por serem mais complexas são o meio de produção e circulação dos gêneros secundários, as que apresentam condições mais simples constituem o domínio de utilização dos gêneros primários.

As “esferas” se inter-relacionam e algumas podem ser consideradas subdivisões de outras. As “esferas” literária, artística, jornalística, cotidiana, política, dentre outras, integram a “esfera” cultural, pertencente, na perspectiva de Bakhtin/Volochinov (1999), à “esfera” ideológica.

Sobre essa última, há reflexões em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999),¹ obra na qual encontram-se indícios de formulações que seriam desenvolvidas mais de 20 anos após, em *Os gêneros do discurso* (BAKHTIN, 1992). Essas considerações prévias, quando mereceram uma reflexão mais demorada, não foram mais enfocadas sob a perspectiva marxista. No texto dedicado aos gêneros discursivos, Bakhtin retoma a sua percepção de vínculo indissociável entre a língua e a vida, ao postular que toda “esfera” possui um repertório de gêneros, os quais mudam à medida que a “esfera” fica mais complexa e evoluída. Todavia, centra-se nas particularidades dos enunciados - fronteiras delimitáveis pela alternância de sujeitos falantes, acabamento específico, as formas estáveis do gênero do enunciado, relação do enunciado com o próprio locutor e com outros parceiros da comunicação verbal – e não na relação entre infraestrutura e superestrutura, focalizada na publicação de 1929.

Para Bakhtin/Volochinov (1999), a “esfera” ideológica é o domínio dos signos. Essa “esfera” possui diferenças profundas em seu interior devido à variabilidade de signos, os quais expressam conceitos advindos de diversas áreas da produção intelectual. A “esfera” ideológica é constituída de várias “esferas” – cotidiana, literária, religiosa, científica, moral, política, etc., que constituem “campos da criatividade ideológica”. Cada campo (“domínio” ou “esfera”) ideológico tem um modo particular de representar e refratar a realidade (p. 33).

As “esferas” ideológicas são manifestações superestruturais e expressam toda mudança na infraestrutura, inclusive a mais sutil. Conforme Bakhtin/Volochinov, a questão da relação entre a infraestrutura (estrutura sócio-política) e superestruturas (distintas ideologias ou “esferas” ideológicas – ciência, arte, literatura, etc.), denominada psicologia do corpo social, pode ser esclarecida pelo estudo do material verbal (p. 41).

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, os autores citam gêneros discursivos, embora não utilizem essa terminologia, para exemplificar manifestações da psicologia do corpo social. Esta deve ser enfocada sob dois ângulos: do conteúdo, isto é, dos temas; e dos tipos e formas de discurso através dos quais os temas são abordados (p. 42). Esses aspectos são retomados na publicação dedicada aos gêneros do discurso, na qual Bakhtin determina que tema e forma composicional, além de estilo, são elementos do enunciado que expressam as peculiaridades da “esfera”.

¹ A primeira publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* data de 1929 e do texto *Os gêneros do discurso*, de 1952-1953.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochinov referem-se aos “gêneros linguísticos”, afirmando que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (p. 43). Também postulam haver uma variabilidade de tipos de enunciados, proporcional à riqueza de trocas verbais. Abordam que o material verbal é determinado pela estrutura sócio-política, derivada das relações de produção. Por isso, uma análise mais minuciosa seria capaz de mostrar como as relações hierárquicas sociais interferem nas formas de enunciação (p. 43). Igualmente comentam que a “esfera” da ideologia do cotidiano é extremamente rica e importante porque está associada aos processos de produção e às “esferas” ideológicas especializadas e formalizadas (esfera literária, científica, religiosa, etc.) (p. 37).

A interdependência dessas “esferas” da criação ideológica é claramente expressa na releitura de Faraco (2003, p. 61):

Ele [Volochinov] vê a esfera dos sistemas ideológicos constituídos como se consolidando a partir das práticas da ideologia do cotidiano e, ao mesmo tempo, se renovando continuamente por meio de um vínculo orgânico com estas mesmas práticas que abrigam, segundo ele, os indicadores primeiros e mais sensíveis das mudanças socioculturais.

Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin trata as “esferas” ideológicas especializadas como meios caracterizados por comunicações mais complexas e evoluídas que dão origem aos gêneros secundários. Já a “esfera” da ideologia do cotidiano corresponde à “esfera” em que a comunicação cultural é mais simples e apresenta uma relação imediata com a realidade, sendo o meio de produção dos gêneros primários.

A “esfera” da ideologia do cotidiano e a “esfera” das ideologias formalizadas estão em constante relação porque os gêneros secundários, produzidos na segunda “esfera”, absorvem os gêneros primários, gerados na primeira “esfera”. E os gêneros primários, pela relação direta com a realidade, são o instrumento de renovação dos sistemas ideológicos constituídos e, por consequência, dos gêneros secundários que os expressam.

Sobre a perspectiva pecheuxtiana do espaço

Os resultados dos estudos realizados pelo projeto temático *O Sentido Público no Espaço Urbano* deram origem ao *Glossário de Base para uma Enciclopédia da Cidade*, no qual estão os verbetes *lugar* e *espaço*, de autoria de Pfeiffer:

Lugar:² no caso da cidade, tomamos *lugar* como local referencial na cidade, que não chamamos de lugar físico pelo fato de trabalharmos sempre com a forma material, isto é, não há separação entre forma e conteúdo. No caso do sujeito que diz, pensamos lugar como a posição discursiva da qual ele produz seu dizer que, por sua vez, é trespassada pela memória de um espaço discursivo. Lugar não é o mesmo que *espaço*.

Espaço: pensar discursivamente o espaço é refleti-lo enquanto um lugar atravessado pela memória, atravessado por um conjunto de gestos de interpretação, é onde o sujeito se inscreve historicamente, tomando sentidos.

No exposto, lugar tem duas acepções: é um “local referencial” e, quando pensado em relação ao sujeito, é posição discursiva, como postula Pêcheux (1993). Já o espaço seria “um lugar atravessado pela *memória*” [grifo nosso].

Outra acepção possível encontra-se na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* (PÊCHEUX, 1997), cuja questão teórica em pauta é a relação entre universos logicamente estabilizados e as formulações irremediavelmente equívocas, ou seja, é discutido o vínculo existente entre uma exterioridade concebida como semanticamente estável e a língua enquanto sistema que comporta o deslocamento de sentidos.

Nessa abordagem, Pêcheux explica que no espaço do acontecimento político é enunciado o grito “On a gagné” (traduz-se por “Ganhamos”), peculiar ao espaço do acontecimento esportivo. Essa expressão, que constitui o grito de vitória dos torcedores de uma equipe vencedora de uma partida esportiva, surge apegada ao acontecimento de 10 de maio de 1981: a vitória de François Mitterrand, da esquerda francesa, como futuro presidente da França.

Para o autor, “o jogo metafórico em torno de ‘On a gagné’” sobredetermina o acontecimento, sublinha sua equivocidade (PÊCHEUX, 1997, p. 22). Ele compara o domínio esportivo com o político e nota que aquele é caracterizado por uma univocidade lógica, pois os resultados são evidentes, portanto, não tem pertinência nos questionarmos sobre “quem ganhou na verdade? em realidade? além das aparências? face à história?” mediante o placar de um jogo. Por mais que o resultado de uma partida seja objeto de comentários e reflexões posteriores, não há dúvida de quem ganhou e o que ganhou. Aparentemente, na política teríamos essa mesma “univocidade lógica”, pois os resultados de

² O *Glossário de Base para uma Enciclopédia da Cidade* encontra-se disponível no site www.labeurb.unicamp.br/endici.

uma eleição são divulgados a partir de porcentagens, cifras, enfim, dados minuciosos que atestam a transparência do acontecimento. Contudo, Pêcheux alerta que este é, ao mesmo tempo, opaco, aspecto evidenciável na análise de “On a gagné”, cuja estrutura léxico-sintática apresenta um pronome indefinido na posição de sujeito e o lexema verbal “gagner” (ganhar) sem complemento (*Ibid*, p. 22-3).

A partir da análise da materialidade do enunciado, o estudioso questiona a sua estabilidade lógica, indagando sobre o sujeito gramatical: “quem ganhou?”. Seriam “os militantes do partido de esquerda?”, “o povo da França?”, ou os alienados da política, que agora estão entusiasmados com as possibilidades de mudança? Pêcheux sugere outros sujeitos e também indaga sobre o complemento verbal: “ganhou o quê, como, por quê?”. Um possível complemento seria o poder.

O autor analisa o acontecimento não somente no momento em que surge, mas também dois anos após, quando apresenta o texto em foco. Faz suas constatações ao se colocar como um observador atento aos confrontos discursivos que surgiram antes, durante e após o acontecimento. Sob essa perspectiva, explica que durante os dois anos que se passaram, o “equivoco” de *On a gagné* “trabalha a esquerda nos postos governamentais” e “nas diferentes camadas da população”, pois entre os homens do poder e os “simples particulares”, existem aqueles que ainda acreditam na vitória, os descrentes, os esperançosos por um grande movimento popular e os apolíticos (*Ibid*, p. 27).

Com essas observações, Pêcheux demonstra que o enunciado “On a gagné”, mesmo apegado a um acontecimento lógico, com um resultado matematicamente obtido, está sujeito ao equivoco, à possibilidade de o sentido ser outro. E é justamente pelo fato de esse enunciado estar sujeito à equivocidade que acaba por sobredeterminar o acontecimento, reconfigurá-lo.

A suscetibilidade à mudança de sentido é, segundo Pêcheux, sempre controlada, evitada no espaço das ciências exatas, das tecnologias, das administrações (políticas, jurídicas e econômicas). Nesses “espaços discursivos”, como os denomina o precursor da AD, há uma tentativa de universalização da homogeneidade lógica. O autor exemplifica o exposto, mencionando a existência de “‘técnicas’ de gestão social dos indivíduos”, que têm o objetivo de “marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos” (*Ibid*, p. 30).

Os “espaços discursivos” citados apresentam “as aparências da coerção lógica disjuntiva”, por exemplo, é “impossível” que alguém seja, ao mesmo tempo, solteiro e casado, civil e militar, esteja trabalhando e desempregado (*Ibid*, p. 30).

Tais espaços têm um funcionamento interno específico que proíbe a interpretação e prefere o uso regular de proposições lógicas, do tipo “verdadeiro ou falso”, “com interrogações disjuntivas (‘o estado de coisas’ é A ou não-A?)”. Há, por sua vez, uma recusa ao emprego de expressões, tais como “em certo sentido”, “se se desejar”, “se podemos dizer”, “dizendo mais propriamente”, e à utilização de aspas de natureza interpretativa, como na frase “Fulano é muito ‘militar’ no civil” (*Ibid*, p. 31).

Mediante o exposto, evidenciamos que a estabilização dos “espaços discursivos” está intrinsecamente dependente não só de “técnicas coercitivas” mas também do modo como se enuncia. E é justamente o sistema linguístico, que comporta recursos propícios tanto à homogeneidade quanto à heterogeneidade, o responsável pela desconstrução de um real lógico e estagnado. É o que postula Pêcheux quando comenta haver um entrecruzamento entre “proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas” (*Ibid*, p. 28). Sendo assim, “a homogeneidade lógica”, que determina a verdade ou falsidade de certas proposições, é atravessada por uma série de equívocos (*Ibid*, p. 32). Decorre disso que os confrontos discursivos sobre o mesmo acontecimento causam uma movimentação de sentidos capaz de redeterminá-lo, por mais lógico e inquestionável que seja.

No texto ora retomado, há outras observações do autor pertinentes à questão da espacialidade. Uma delas é a afirmação da presença, nos “espaços discursivos”, de “detentores de saber, especialistas e responsáveis de diversas ordens”, os quais são agentes e garantia das técnicas de gestão social citadas. Vale ressaltar que tais agentes não são tão “poderosos” como essa assertiva faz parecer. Michel Pêcheux relativiza sua proposição, observando que

esta ‘cobertura’ lógica de regiões heterogêneas do real é um fenômeno bem mais maciço e sistemático para que possamos aí ver uma simples impostura construída na sua totalidade por algum Príncipe mistificador (*Ibid*, p. 32).

Desse fragmento, inferimos que a busca pela “cobertura lógica de regiões heterogêneas do real”, por ser um fenômeno “maciço e sistemático”, não se restringe aos espaços citados por Pêcheux, também estende-e a outros.

Para o autor, a estabilização dos “espaços discursivos” é não somente realizada por agentes, já postos em setores administrativos, acadêmicos, etc., mas também por nós, os “simples particulares”. Nesse âmbito, “o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, [...] face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica”, que se manifesta no cotidiano pelos utensílios (agendas, papéis, chaves, etc.)

que utilizamos, pelos “aparelhos domésticos” (objetos que compramos, aprendemos a manusear, perdemos, quebramos, consertamos, substituímos), pelas grandes decisões da vida social e afetiva (decidimos fazer uma coisa e não outra, de responder a X e não a Y), e pelos cuidados que temos com nosso próprio corpo (*Ibid*, p. 33-4).

O autor, por meio da análise de “On a gagné”, mostrou que o sujeito tem uma necessidade, um desejo de completude que o guia constantemente, mas a incompletude, propriedade desse sujeito, acaba por revelar-se sob várias formas, dentre elas, falhas, contradições, ambiguidades, deslizamentos, mal-entendidos. A dispersão, a fragmentação, a heterogeneidade, o equívoco são inerentes ao sujeito, que os nega sob a aparência da unicidade. Dessa forma, não raro, mostra-se contraditório.

Face a essas observações, concluímos que, segundo a obra em pauta, a fuga da homogeneização do real ocorre, mas esse escape se dá à revelia do sujeito, porque ele tenta contribuir para a manutenção do funcionamento interno dos “espaços discursivos”, mas, ao enunciar, comete deslizos que o impossibilitam de manter a unicidade semântica desses espaços.

A partir da abordagem feita, percebemos que o processo de fixação do real e de estabilização dos sentidos atua nos diferentes “espaços discursivos”, mas, em alguns, como no político, haveria mais propensão à heterogeneidade, o que resultaria na resignificação dos acontecimentos e dos enunciados que o expressam.

Os “espaços discursivos” citados por Pêcheux constituiriam domínios que tentam apreender o heterogêneo real, conferindo-lhe uma cobertura lógica. Essa tentativa de proibir a interpretação, a mobilidade dos sentidos se manteria com mais proeminência em espaços logicamente estabilizados e seria frustrada em espaços com discursividades não-estabilizadas logicamente. Exemplos desses “espaços discursivos” seriam, no primeiro caso, o espaço esportivo e, no segundo, o político.

Sobre semelhanças e dessemelhanças

As “esferas”, em Bakhtin, e os “espaços discursivos”, em Pêcheux,³ não se confundem com o lugar empírico. Todavia, enquanto aquelas dizem

³ A análise comparativa que estamos realizando focaliza a acepção de “espaço discursivo” desenvolvida em *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1997). Outras considerações da espacialidade no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa são encontráveis em *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) e nos resultados obtidos pelo Laboratório de Estudos Urbanos, cujo endereço eletrônico é www.labeurb.unicamp.br.

respeito aos domínios onde ocorrem atividades, dentre elas, produções intelectuais, e trocas verbais simples ou complexas, estes são domínios de representação do real. Este é heterogêneo e, correspondentemente, há heterogêneos domínios para representá-lo: das ciências exatas, das tecnologias, das administrações, do esporte, etc.

Consoante Bakhtin/Volochinov (1999), as “esferas” têm um conjunto de regras específicas e um caráter próprio, ou seja, cada campo da criatividade ideológica tem signos específicos para aludir à exterioridade e, portanto, um modo peculiar de representá-la e refratá-la (p. 40). Daí decorre que é aspecto comum das “esferas” os signos não só fazerem referência a algo, mas também comportarem diferentes interpretações, recriações, enfim, refrações, daquilo a que se referem. A refração é inerente ao signo, porque uma comunidade linguística é constituída de uma variabilidade de grupos, os quais ressignificarão os signos a partir das suas peculiares vivências. Por isso, há valores contraditórios em todo signo ideológico.

Os “espaços discursivos” igualmente diferenciam-se uns dos outros, mas pelo recorte do real que fazem. É a propriedade que os particulariza é a sua maior ou menor propensão à mobilidade de sentidos. Lembremos que, segundo Pêcheux, sempre há uma tentativa de estabilização e de homogeneização dos espaços, porém, em alguns, como no político, os confrontos discursivos acerca dos acontecimentos/objetos impedem a manutenção de um sentido único; já em outros, como no esportivo, nas ciências exatas, os objetos/acontecimentos são aparentemente representados de forma lógica e homogênea. Segundo Pêcheux, esses últimos “espaços discursivos” tornam-se “logicamente estabilizados” devido a uma “série de evidências lógico-práticas”; por exemplo: “um mesmo objeto X não pode estar ao mesmo tempo em duas localizações diferentes”; “um mesmo acontecimento A não pode ao mesmo tempo acontecer e não acontecer” (1997, p. 31-2). Entretanto, o autor questiona a homogeneidade lógica dessas sentenças, pois acredita no entrecruzamento entre “proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas” (1997, p. 28). É através da análise de “On a gagné”, como já foi mencionado, que ele constata como os confrontos discursivos sobre o mesmo acontecimento causam uma movimentação de sentidos, que acaba redeterminando esse acontecimento, por mais lógico e inquestionável que possa ser considerado.

Seguindo a orientação marxista, as “esferas”, tanto a cotidiana como as oficiais (literatura, ciência, religião, etc.), são ideológicas porque as relações

sociais que nelas ocorrem sempre são mediadas pela palavra, signo inerentemente ideológico. À luz da perspectiva discursiva, o “espaço discursivo” é um meio repleto de enunciações acerca de acontecimentos e objetos, que materializam diferentes posições ideológicas. Do embate dessas diferentes posições, resulta uma movimentação de sentidos que redefinem aquilo a que a língua refere-se. Sendo assim, “espaço discursivo” e “esfera” são ambos ideológicos por causa da carga ideológica intrínseca às formulações que circulam nesses domínios. Contudo, a diferença reside no modo como Bakhtin e Pêcheux concebem a relação linguagem/ideologia. O primeiro postula que as mudanças na infraestrutura expressam-se nas ideologias ou esferas ideológicas (manifestações superestruturais) e, conseqüentemente, na língua, “*ideologicamente saturada*” (BAKHTIN, 1998, p. 81). Para o pensador russo, semiótico e ideológico se identificam. Na ótica do segundo autor, a língua é a materialidade do discurso, que é a materialidade da ideologia (PÊCHEUX, 1995). Em outros termos, o discurso é uma das formas em que a ideologia se manifesta, mas ideologia e discurso não se confundem, como observa Indursky (2005, p. 109). Nas palavras dessa autora,

o entrelaçamento entre *discurso e ideologia*, em Pêcheux, se faz através da noção de *sujeito*. E, ao ser interpelado, o sujeito se identifica com determinados sentidos, que lhe parecem evidentes, e não com outros. Esta identificação já é efeito da ideologia (...) (p. 110, grifos do autor).

Nas “esferas”, a relação linguagem/realidade não é do tipo direta e unívoca, tendo em vista a propriedade do signo ideológico de sempre *refratar*. A mencionada relação é de outra forma explicitada em *O discurso no romance* (1998), texto no qual Bakhtin afirma que entre o discurso e o objeto “interpõe-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discursos de outrem, de discursos ‘alheios’ sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema” (p. 86). Essa asserção é reiterada e desenvolvida no fragmento a seguir:

Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar

substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico (p. 86).

Decorre do exposto que o indivíduo, quando confere ao referente, a partir das suas condições de enunciação, determinadas interpretações, encontra outras, provenientes de discursos alheios. Estabelece-se então um diálogo, do tipo conciliante ou inconciliante, entre discursos, que têm cada um sua versão do objeto. Nesse âmbito, se considerarmos o quão distintas são as condições a partir das quais os homens ressignificam os objetos, ficarão evidentes as múltiplas representações da realidade que poderão coexistir.

Nos “espaços discursivos”, a equívocidade inerente à língua faz com que o sentido das formulações que ali circulam não se mantenha único, mas que irrompam diferentes posições acerca do real. Pêcheux (1997) postula que “as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar”, porque “os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas nas quais se encontram inscritos os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos” (p. 52). Como os objetos e acontecimentos são constituídos nas construções discursivas e estas admitem o deslocamento de sentidos, podem haver distintas formas de apreender o mesmo objeto ou acontecimento. Cada sujeito que formula tais construções tem a ilusão de que apreende o referente em sua totalidade, por isso há vários tipos de real.

Uma tentativa de captação do real, que dê conta de sua totalidade, não é pertinente às prerrogativas da AD, que o concebe como algo não acessível como um todo. Nessa linha teórica, pelo fato de os objetos do mundo serem referidos por meio da linguagem, que é desde sempre suscetível à variação de sentidos, mobilizáveis por sujeitos filiados a formações discursivas distintas, tais objetos nunca poderão ser apreendidos sob um ponto vista único e incontestável, pois há diferentes maneiras de percebê-los e nenhuma delas tem o poder de alcançar a sua totalidade. Portanto, o real não é algo contornável pela ação humana.

Concluimos do exposto que, para os dois autores, a realidade é sempre tensamente representada na linguagem, pois nela simultaneamente convivem divergentes interpretações acerca dos referentes. Mas em Bakhtin, essa tensão resulta do fato de o signo ser ideológico, utilizado por diferentes classes sociais, que conferem a ele valores distintos e contraditórios. E também por causa do diálogo entre discursos que concebem diferentemente os objetos. Em Pêcheux, provém do fato de a língua ser inerentemente equívoca, suscetível à mobilidade de sentidos e usada por sujeitos com filiações ideológicas distintas. Mais uma

vez, a diferença explicita-se na percepção bakhtiniana e pecheuxtiana da relação linguagem/ideologia. Se, para Bakhtin e Pêcheux, o real recebe várias versões, é porque para o primeiro autor, os signos que aludem ao real são inerentemente saturados de valores ideológicos distintos e, para o segundo, é porque os discursos, que se referem ao real, materializam diferentes posições ideológicas.

Se Bakhtin demonstra, através dos gêneros discursivos, como as particularidades das “esferas” são expressas na língua, Pêcheux, a partir de um grito de vitória, mostra como as particularidades dos “espaços discursivos” intervêm nas formulações, que, em dependência do domínio de emprego, tornam-se mais ou menos suscetíveis ao deslize.

Na ótica bakhtiniana, quaisquer alterações na estrutura da sociedade são expressas nas “esferas” da ideologia do cotidiano e nas “esferas” das ideologias formalizadas, as quais, por sua vez, refletem tais mudanças no material verbal. Este deve ser relacionado às condições de enunciação, das quais fazem parte as “esferas”. Na percepção pecheuxtiana, as mudanças sociais interferem nas condições de produção discursivas (e conseqüentemente no discurso) das quais faz parte o espaço, tanto concebido como lugar empírico atravessado pela memória (PFEIFFER, s.d),⁴ como “espaço discursivo”, isto é, domínio de apreensão do real que se caracteriza pela proibição de interpretação e aparência de coerção lógica disjuntiva. Logo, tanto os “espaços discursivos” como as “esferas” fazem parte das circunstâncias de interlocução, e suas particularidades intervêm nos dizeres que circulam nesses domínios. Para Pêcheux, o “espaço” integra as *condições de produção discursivas*, e para Bakhtin, as “esferas” integram-se às *condições de enunciação*. Em virtude de os dois pensadores conceberem de tal forma a espacialidade, considerando-a determinante no dizer, que afirmamos, no início deste trabalho, serem as acepções pecheuxtiana e bakhtiniana semelhantes e pertinentes a análises linguísticas que considerem o espaço tão relevante quanto o tempo e os interlocutores.

Outro ponto de contato é que tanto “espaços discursivos” como “esferas” se inter-relacionam e uns podem ser considerados subdivisões de outros. Um ponto de confronto diz respeito ao critério de classificação: há “esferas” mais simples e mais complexas e “espaços” logicamente estabilizados e não-estabilizados logicamente.

Nos “espaços” e nas “esferas”, a língua é propensa à resignificação. A diferença reside na justificativa apresentada pelos autores para a impossibilidade

⁴ Cf. bibliografia.

de o sistema manter-se unívoco. Nos “espaços discursivos”, há coerções contra a instabilidade de sentidos; objetiva-se sempre manter a língua homogênea e transparente, como se ela fosse constituída de etiquetas que se associam cada uma a um objeto, sem deslize, falha ou ambiguidade. Embora os sujeitos tentem, em suas ações cotidianas, manter a logicidade e univocidade do seu mundo, não conseguem, porque se comunicam por meio de um sistema inerentemente equívoco, isto é, não-homogêneo e aberto. Nas “esferas”, os locutores, ao representarem os referentes, conferem-lhe múltiplas interpretações, contribuindo para a pluralização das versões dos objetos. Uma língua comporta então várias “línguas sócio-ideológicas” (BAKHTIN, 1998, p. 82). Em Bakhtin, a impossibilidade de o sistema ser unívoco não advém do fato de a língua ter a propriedade da equivocidade, tal como preconiza Pêcheux, mas por ser utilizada por vários grupos sociais, os quais, a partir da organização social na qual estão inseridos, contribuem para acentuar ainda mais a estratificação da linguagem.

Conclusão

Ao esclarecermos as semelhanças e dessemelhanças no tratamento conferido à espacialidade por Pêcheux e Bakhtin, concluímos que, embora haja semelhanças entre a “esfera” bakhtiniana e o “espaço discursivo” pecheuxtiano, tais noções, ao serem operacionalizadas na análise de materialidades linguísticas, não podem se sobrepor ou serem referidas sem a devida contextualização teórica. Afirmamos isso porque a preocupação epistêmica de Bakhtin e Pêcheux diverge. Aquele, sob o viés do dialogismo, interessa-se não pelo “diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali” (FARACO, 2003, p. 59-60); este se centra no processo de produção de sentidos dos discursos e na subjetividade que neles se manifesta.

Sendo assim, estamos diante de aportes teóricos diferentes, por isso, na menção à “esfera”, de procedência bakhtiniana, será preciso valer-se de outras noções desenvolvidas no âmbito da Teoria da Enunciação de Bakhtin. A algumas delas nos referimos nesta investigação: língua refletindo e refratando a realidade; gêneros discursivos; signo ideológico; dialogismo; condições de enunciação; inter-relação entre semiótico e ideológico. Na menção ao “espaço discursivo”, tal como é postulado por Pêcheux (1997), será imperioso considerar demais conceitos do quadro epistemológico da Análise do Discurso de linha francesa, a alguns dos quais igualmente nos reportamos: equivocidade; real da língua; acontecimento; sujeito; condições de produção; discurso enquanto materialidade da ideologia.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-358.
- _____. O discurso no romance (1934-1935). In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Bernadini *et al.* 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. p. 71-133.
- _____./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Paraná: Criar edições, 2003. p. 45-108.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- INDURSKY, F. A ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto. In: ZANDWAIS, A. (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005. p. 101-115.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69) (1969). Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983). Trad. Eni P. Orlandi Campinas, SP: Pontes, 1997.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

Sites consultados

- PFEIFFER, C. Lugar 1. Enciclopédia discursiva da cidade. Versão eletrônica. Disponível em <<http://www.labeurb.unicamp.br/endici/>>. Acesso em: 2/04/2007.
- _____. Lugar 2. Enciclopédia discursiva da cidade. Versão eletrônica. Disponível em <<http://www.labeurb.unicamp.br/endici/>>. Acesso em: 2/04/2007. Recebido em março de 2008. Aprovado em maio de 2008.

Recebido em março de 2008. Aprovado em maio de 2008.